



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional  
FIDENE-UNIJUI

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 03/09/2021 a 09/09/2021

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

ENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560  
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL  
FONE: (55) 0\*\*55 3332-0487 FAX: (55) 0\*\*55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

### Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

|                   | GRÃO SOJA<br>(US\$/bushel) | FARELO SOJA<br>(US\$/ton. curta) | ÓLEO SOJA<br>(cents/libra peso) | TRIGO<br>(US\$/bushel) | MILHO<br>(US\$/bushel) |
|-------------------|----------------------------|----------------------------------|---------------------------------|------------------------|------------------------|
| <b>03/09/2021</b> | 12,83                      | 340,90                           | 59,00                           | 7,14                   | 5,08                   |
| <b>06/09/2021</b> | FERIADO                    | FERIADO                          | FERIADO                         | FERIADO                | FERIADO                |
| <b>07/09/2021</b> | 12,68                      | 337,30                           | 57,76                           | 7,08                   | 4,95                   |
| <b>08/09/2021</b> | 12,70                      | 337,40                           | 57,45                           | 6,98                   | 4,98                   |
| <b>09/09/2021</b> | 12,58                      | 336,30                           | 56,02                           | 6,81                   | 4,96                   |
| <b>Média</b>      | <b>12,70</b>               | <b>337,98</b>                    | <b>57,56</b>                    | <b>7,00</b>            | <b>4,99</b>            |

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)  
no mercado físico brasileiro - em  
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

| <b>SOJA</b>         | <b>Média*</b> |     |
|---------------------|---------------|-----|
| RS – Panambi        | <b>153,00</b> |     |
| RS – Não Me Toque   | <b>154,00</b> |     |
| RS – Londrina       | <b>156,00</b> |     |
| PR – Cascavel       | <b>154,00</b> |     |
| MT – C.N.Parecis    | <b>156,00</b> |     |
| MS – Maracaju       | <b>158,00</b> |     |
| GO - Rio Verde      | <b>156,00</b> |     |
| BA – L.E.Magalhães  | <b>156,00</b> |     |
| <b>MILHO(**)</b>    |               |     |
| Porto de Santos     | <b>85,00</b>  | CIF |
| Porto de Paranaguá  | <b>83,00</b>  | CIF |
| Porto de Rio Grande | <b>S/C</b>    |     |
| RS – Panambi        | <b>87,00</b>  |     |
| SC – Rio do Sul     | <b>90,00</b>  |     |
| PR – Cascavel       | <b>87,00</b>  |     |
| PR – Londrina       | <b>85,00</b>  |     |
| MT – C.N.Parecis    | <b>78,00</b>  |     |
| MS – Maracaju       | <b>81,00</b>  |     |
| SP – Itapetininga   | <b>92,00</b>  |     |
| SP – Campinas       | <b>94,00</b>  | CIF |
| GO – Rio Verde      | <b>81,00</b>  |     |
| GO – Jataí          | <b>81,00</b>  |     |
| <b>TRIGO (**)</b>   |               |     |
| RS – Panambi        | <b>80,00</b>  |     |
| RS – Não Me Toque   | <b>81,00</b>  |     |
| PR – Londrina       | <b>87,00</b>  |     |
| PR – Cascavel       | <b>94,00</b>  |     |

Período: 08/09/2021

S/C=Sem Cotação.

(\*) Valor de compra.

(\*\*)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do  
Sul – 09/09/2021**

| Produto    | milho<br>(saco 60 Kg) | soja<br>(saco 60 Kg) | trigo<br>(saco 60 Kg) |
|------------|-----------------------|----------------------|-----------------------|
| <b>R\$</b> | <b>87,96</b>          | <b>155,73</b>        | <b>82,02</b>          |

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do Sul –  
09/09/2021**

| Produto                                       |               |
|-----------------------------------------------|---------------|
| Arroz em casca<br>(saco 50 Kg)                | <b>75,78</b>  |
| Feijão (saco 60 Kg)                           | <b>254,44</b> |
| Sorgo (saco 60 Kg)                            | <b>64,00</b>  |
| Suíno tipo carne<br>(Kg vivo)                 | <b>6,02</b>   |
| Leite (litro) cota-consumo (valor<br>líquido) | <b>2,25**</b> |
| Boi gordo (Kg vivo)*                          | <b>10,49</b>  |

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(\*\*) Ref. Agosto/21 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

## MERCADO DA SOJA

Esta primeira semana cheia de setembro foi bastante curta, pois a mesma registrou dois feriados. O primeiro, nos EUA, na segunda-feira (06/09), e o segundo, no Brasil, na terça-feira (07/09). Nela, as cotações em Chicago acabaram recuando novamente, com o primeiro mês cotado fechando, para a soja, em US\$ 12,58/bushel no dia 09/09 (quinta-feira), contra US\$ 12,79 uma semana antes.

Além das expectativas quanto ao novo relatório de oferta e demanda do USDA, a ser anunciado no dia 10/09, o qual comentaremos com detalhes no próximo boletim, o mercado trabalhou pressionado pela fraca demanda da China; pelo início da colheita em regiões mais ao sul dos EUA; e particularmente pela ação dos Fundos, que voltaram a um movimento de vendas diante de um clima favorável para as lavouras estadunidenses. Além disso, devido aos estragos provocados pelo furacão Ida, as exportações foram as mais baixas dos últimos anos na semana anterior. Enfim, o mercado não descarta a revisão para cima nos números de produção de milho e soja nos EUA neste relatório de setembro.

Neste contexto, até o dia 05/09, as condições das lavouras de soja estadunidenses acabaram melhorando, sendo as que estão em níveis entre bons a excelentes subindo para 57%, ganhando um ponto percentual em relação a semana anterior. Um ano atrás havia 65% das lavouras nestas condições. Por outro lado, ainda na atual safra, outras 29% estavam regulares e 14% ruins a muito ruins.

Quanto aos embarques realizados pelos EUA, na semana encerrada em 02/09, o volume ficou em apenas 68.059 toneladas.

Dito isso, ainda pressionou o mercado para baixo o fato de que as primeiras projeções para a safra sul-americana de soja, em 2021/22, apontarem para um volume recorde de 211,9 milhões de toneladas, ou seja, um aumento de 7% sobre as 197,7 milhões obtidas no ano anterior. Prevê-se uma área semeada de 62,75 milhões de hectares, com 2% acima do ano anterior. A tendência é de aumento de área no Brasil, no Paraguai, na Bolívia e no Uruguai, enquanto na Argentina, devido ao imposto de exportação aplicado naquele país, mais uma vez haveria redução de área com soja. A questão será o clima nesta região, já que novamente se fala da possibilidade de incidência do fenômeno La Niña (seca) sobre a região durante o verão. Para o Brasil, o maior produtor de soja do mundo, estima-se uma produção de 144,07 milhões de toneladas, com aumento de 5% sobre o ano anterior. Projeta-se uma área a ser semeada de 40,57 milhões de hectares em solo brasileiro, contra 39,06 milhões no ano anterior, fato que confirmaria aumento de área pelo 15º ano consecutivo em nosso país. Já na Argentina, a produção potencial seria de 51,3 milhões de toneladas, ou seja, 13% sobre a frustrada safra passada. Já a área seria menor, recuando para 16,5 milhões de hectares, contra 17,1 milhões um ano antes. No Paraguai, com projeção de 3,5 milhões de hectares a serem semeados, a produção final da próxima safra é esperada em 10,5 milhões de toneladas, somando a safra de verão e de inverno naquele país, contra 9,8 milhões em 2020/21. Quanto a Bolívia, a área aumentaria para 1,45 milhão de hectares, com uma produção potencial de 3,2 milhões de toneladas, ou seja, 7% acima do registrado na última colheita. Enfim, no Uruguai, a área deverá se elevar em 12% neste novo ano, atingindo a 1,23 milhão de hectares. Com isso, a

produção uruguaia de soja poderá atingir a 2,95 milhões de toneladas, superando em 34% o registrado no ano anterior. (cf. Datagro)

Aqui no Brasil, os preços se estabilizaram, com certo viés de baixa em algumas regiões. A média gaúcha no balcão ficou em R\$ 155,73/saco, enquanto nas demais praças nacionais a soja oscilou entre R\$ 154,00 e R\$ 158,00/saco. Além do recuo em Chicago, o câmbio cedeu um pouco até o feriado de 7 de setembro. Depois disso, diante das manifestações e declarações deslocadas feitas pelo Presidente da República naqueles atos, o câmbio voltou a subir, com o Real superando os R\$ 5,30 por dólar em alguns momentos da quarta-feira, para depois recuar para níveis ao redor de R\$ 5,28. Isso seguiu uma maior queda nos preços internos da soja, porém, voltou a pressionar para cima os custos de produção.

Neste quadro, continua a chamar a atenção de que as vendas antecipadas, relativas a nova safra, continuam atrasadas em relação ao ano anterior. Até o dia 05/09 cerca de 25,6% da futura safra havia sido negociada, contra 49,3% em igual período do ano anterior e contra 24,9% da média histórica. Já a comercialização da safra velha chegou a 85,9% do total, igualmente estando mais lenta diante dos 97,9% negociados no ano passado nesta época, e dos 88,5% registrados na média histórica (cf. Safra & Mercado).

Os produtores estariam esperando preços ainda mais elevados do que os atuais, tentando melhorar a rentabilidade diante do forte aumento dos custos de produção para a nova safra. Uma estratégia perigosa e que, hoje, basicamente depende do câmbio no Brasil, o qual somente sobe se o Brasil continuar com as tensões políticas presentes há alguns meses e que prejudicam sobremaneira a economia nacional como um todo. Ranços políticos do tipo que estamos assistindo no país nas últimas semanas e, principalmente, no dia 7 de setembro, não ajudam em nada o país e sua economia, causando uma conta cada dia mais elevada para a população em geral, e o setor produtivo em particular, pagar logo adiante.

Vale ainda registrar que parte dos produtores de soja brasileiros estariam guardando o que sobrou da safra passada para vender no último trimestre deste ano, o qual se inicia em outubro. Pelo sim ou pelo não, a novo ano comercial da soja se inicia com preços médios, entre R\$ 153,00 e R\$ 158,00/saco nas diferentes praças nacionais, enquanto no ano passado, no início do ano comercial anterior, nesta época, a média estava entre R\$ 119,00 e R\$ 129,00/saco. Ou seja, tem-se um aumento médio entre 22,5% a 28,6% no preço, porém, o custo total de produção, tomando-se o Rio Grande do Sul como referência, subiu 48,4% e o desembolso aumentou 53,4% no período, conforme dados da Fecoagro. Nestas condições, qualquer problema climático que venha a reduzir a produtividade média tende a gerar prejuízos a muitos sojicultores na próxima safra. Sem falar que a grande maioria dos produtores nacionais enfrenta problemas logísticos, os quais estão atrasando a entrega dos insumos necessários para realizar o preparo das terras para o novo plantio. Fala-se, inclusive, em falta de glifosato para o tratamento da soja transgênica em especial, hegemônica no país. Consta que o aperto na oferta de matéria-prima para o glifosato começa na China, com restrições ambientais para a indústria do país asiático. Paralelamente, inundações severas afetaram também regiões da chamada rota glicínica, na China, o que também afetou a oferta de fósforo amarelo para a produção do glifosato. Soma-se a isso a elevação do frete de containers e o quadro de tempestade perfeita está desenhado para parte da

cadeia produtiva da soja. O mercado também estima que possa haver produtores brasileiros iniciando o plantio, neste ano, sem ter conseguido acesso a fertilizantes, pois além da forte alta dos componentes deste insumo (180% no acumulado do ano no caso do cloreto de potássio) começa a existir falta de produção disponível devido a problemas na cadeia produtiva do mesmo mundo afora. (cf. Reuters) Seria preciso ocorrer um fundamento de baixa forte para derrubar os preços dos nitrogenados, fosfatados e do cloreto de potássio, não havendo, neste momento, um cenário tão otimista até o final de ano, não só sobre os preços, mas também na disponibilidade de matéria-prima. O prazo de entrega e a disponibilidade são os pontos cruciais no momento. Já existem cancelamentos de contratos no mercado brasileiro de insumos. Nestas condições, o risco de muitos produtores perderem a janela ideal de plantio da soja é bastante grande em nosso país. (cf. Agroinvest)

## MERCADO DO MILHO

Nesta semana repleta de feriados, as cotações do milho em Chicago voltaram a romper o piso dos US\$ 5,00/bushel, fechando a quinta-feira (09), para o primeiro mês cotado, em US\$ 4,96, contra US\$ 5,16/bushel uma semana antes. Chicago não via o bushel de milho abaixo de cinco dólares desde o dia 11 de janeiro passado.

Além da expectativa de aumento na produção estadunidense, a ser anunciado no relatório deste dia 10/09, o qual comentaremos no próximo boletim, o mercado começa a sofrer a pressão da entrada da nova colheita nos EUA. E isso, mesmo com as condições das lavouras entre boas a excelentes recuarem para 59% no relatório do dia 05/09. No ano passado, nesta época, eram 61% das lavouras nestas condições. Além disso, na atual safra, outras 27% estavam em condições regulares e 14% entre ruins a muito ruins. Já os embarques de milho, por parte dos EUA, na semana anterior, igualmente não foram muito elevados, ficando em apenas 275.799 toneladas.

Enquanto isso, no Brasil, a pressão da entrada da safrinha, mesmo com forte quebra, continua a reduzir os preços internos do milho. Assim, a média gaúcha fechou a semana em R\$ 87,96/saco, enquanto nas demais paraças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 78,00 e R\$ 92,00/saco, enquanto o CIF Campinas (SP) fechou a semana em R\$ 94,00/saco. Neste último caso, em torno de 11 reais mais baixo do que o auge de preços obtido meses atrás.

Os consumidores brasileiros continuam muito ausentes do mercado, deixando a colheita aumentar os estoques internos, mesmo diante da enorme quebra da safrinha. Assim, por enquanto, os preços nacionais cedem, porém, a tendência é de que isso não dure muito tempo. Vale destacar que no sul do Brasil, onde os dois últimos Estados ali localizados são importadores líquidos do cereal e enfrentaram forte quebra na safra de verão, o recuo dos preços é menos intenso e tende a ser de tempo ainda mais curto, dependendo da capacidade de importação das empresas locais.

O quadro de aperto na oferta nacional de milho é muito grande, a ponto de a estimativa de produção total para 2020/21 ter sido novamente reduzida, ficando agora em 81,9 milhões de toneladas, contra estimativas iniciais que chegaram a bater em 112 milhões de toneladas. A segunda safra já estaria colhida em 95% do total no Centro-Sul brasileiro, contra 94% um ano atrás. A segunda safra nacional está agora estimada em

55,6 milhões de toneladas, contra 75,1 milhões no ano anterior. Isso representa, somente aqui, uma perda de quase 20 milhões de toneladas. Em relação a nova safra de verão, o plantio teria chegado, no Centro-Sul brasileiro, a um total de 10% da área, contra 14% na mesma época do ano passado. O retorno das chuvas no sul do país aceleraram um pouco este movimento de plantio, enquanto ainda há muito pouca umidade das demais regiões do país. (cf. AgRural)

Por sua vez, no Mato Grosso, novo relatório do Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária informou que a atual segunda safra, já colhida, registrou um aumento de área de quase 7,8%, totalizando 5,84 milhões de hectares. Todavia, o clima ruim, que levou muitos produtores a semear fora da janela ideal, provocou uma redução de 15% na produtividade média local, com a mesma atingindo a 92,6 sacos/hectare nesta safrinha. Com isso, a produção final da safrinha naquele Estado ficou em 32,56 milhões de toneladas, com recuo de 8,1% sobre a safrinha anterior.

Enfim, as exportações brasileiras de milho, nos primeiros três dias úteis de setembro, atingiram a 534.833 toneladas segundo a Secex. Este volume representa 12% do total exportado em agosto. A média diária ficou em 178.278 toneladas, o que representa redução de 41,2% sobre setembro de 2020. Nos oito primeiros meses de 2021 o Brasil exportou 9,98 milhões de toneladas de milho, ou seja, 25,9% a menos do que no mesmo período do ano anterior.

Pelo lado das importações, nos oito primeiros meses do corrente ano, o país comprou no exterior um total de 1,23 milhão de toneladas do cereal, ou seja, 112% acima do registrado no mesmo período do ano anterior. (cf. Secex)

## MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago, considerando o primeiro mês cotado, igualmente recuaram, rompendo o piso dos US\$ 7,00/bushel. Cotação abaixo deste piso não era vista em Chicago, para o trigo, desde o final de julho. O fechamento desta quinta-feira (09) ficou em US\$ 6,81/bushel, contra US\$ 7,04 uma semana antes.

O mercado trabalhou com baixa movimentação devido aos feriados da semana. Em termos internacionais, o trigo de primavera, nos EUA, está praticamente colhido, sendo que até o dia 05/09 cerca de 95% da área total estava cortada, contra a média histórica de 83% para esta época do ano.

Por outro lado, assim como nos casos da soja e do milho, os embarques semanais de trigo, por parte dos EUA, também foram baixos. Os mesmos atingiram a 381.551 toneladas.

Já no Brasil, os preços também cederam um pouco, embora se mantenham em patamares elevados. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 82,02/saco, enquanto no Paraná os preços do cereal oscilaram entre R\$ 87,00 e R\$ 94,00/saco. Este último valor é praticado no oeste paranaense, onde as geadas provocaram quebras severas nos trigais locais.

Dito isso, os moinhos brasileiros esperam a intensificação da colheita desta nova safra, que está iniciando neste mês de setembro pelo Paraná. A entrada de produto novo gera a expectativa de preços menores nas próximas semanas. Neste contexto, por enquanto o ritmo dos negócios continua lento.

Por sua vez, as importações brasileiras de trigo, nos 22 dias úteis de agosto, chegaram a 594.130 toneladas, ficando praticamente nos mesmos níveis de agosto do ano passado. O preço médio de importação, neste mês de agosto, ficou em US\$ 276,30/tonelada FOB, ou seja, 23,1% acima do registrado na média de agosto de 2020. (cf. Secex)

Assim, nos sete primeiros meses do corrente ano, o Brasil já comprou um total de 3,83 milhões de toneladas de trigo. O valor médio desta importação é de US\$ 261,19/tonelada. O principal Estado importador, no período, foi São Paulo com um total de 655.380 toneladas, seguido do Ceará com 581.756 toneladas, Pernambuco com 402.489 toneladas, Paraná com 397.938 toneladas e Bahia com 391.992 toneladas. Estes cinco Estados perfazem 63,4% do total importado pelo Brasil entre janeiro e julho do corrente ano. Neste momento, após oito meses, o preço médio do trigo no Brasil é de US\$ 282,00/tonelada, sendo que o recorde nestes últimos 11 anos foi atingido em 2013, quando a tonelada alcançou a US\$ 355,00/tonelada. O mais baixo preço foi em 2017, quando a tonelada atingiu a média de apenas US\$ 187,00. (cf. Abitrigo)

Enfim, a Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio) pretende apresentar em outubro um parecer sobre a liberação comercial de trigo geneticamente modificado. O trigo analisado pela CTNBio proporciona, segundo a pauta da comissão, "aumento de produtividade em situações e ambientes de baixa disponibilidade hídrica" e é resistente ao herbicida glufosinato. O pedido de empresas interessadas é para que o produto possa ser utilizado em alimentos, rações ou produtos derivados ou processados. Na hipótese de aprovação, o produto seria importado da Argentina, onde já teve aval do governo local, fato que gera preocupação para os moinhos, diante de temores sobre as reações dos consumidores devido ao ineditismo da iniciativa. Até o momento, o consumo de produtos com o cereal modificado não é autorizado em nenhum país do mundo. Em caso positivo, o Brasil seria o primeiro. Neste contexto, a indústria brasileira de trigo já está preparada para contestar uma eventual aprovação da CTNBio e, neste caso, deve solicitar junto a outros membros do setor que o tema seja analisado pelo Conselho Nacional de Biossegurança, composto por ministros, para que o governo se pronuncie sobre a conveniência da medida. O governo da Argentina aprovou a comercialização da variedade transgênica de trigo HB4 da empresa de biotecnologia Bioceres, embora tenha destacado que o produto só poderá ser negociado depois de autorizada a importação pelo Brasil, conforme publicação no Diário Oficial argentino em outubro do ano passado. (cf. Reuters)